



***QUANDO O CORPO NÃO CABE EM UM ÚNICO MODELO DE MASCULINO:
ESCOLA, DESEJO E DEVIRES¹***

***CUANDO EL CUERPO NO CABE EN UN ÚNICO MODELO DE
MASCULINIDAD: ESCUELA, DESEO Y DEVENIRES***

***WHEN THE BODY DOESN'T FIT INTO A SINGLE MODEL OF
MASCULINITY: SCHOOL, DESIRE, AND BECOMINGS***

Kylderi Lima dos Santos Domingos²

Dagmar de Mello e Silva³

Suhender Ribeiro da Silva⁴

RESUMO

Este artigo discute a produção das masculinidades dissidentes no contexto escolar, problematizando corpos e desejos que não cabem no modelo normativo de masculino. O objetivo é compreender como jovens estudantes experienciam tensões entre corpo, desejo e normas de gênero, revelando estratégias de resistência e invenção de si. A metodologia se fundamenta na montagem de uma entrevista realizada no âmbito de uma pesquisa de doutorado em diálogos ao vivenciado-vivido por dois dos autores, inspirada em Didi-Huberman, Benjamin e Brecht, na qual fragmentos narrativos operam como imagens de pensamento. A análise evidencia que a escola funciona como espaço de disciplinamento, mas também de fissuras onde emergem desejos, expressões corporais e afetivas que desafiam a cisheteronormatividade. Os resultados preliminares indicam que o corpo é simultaneamente campo de opressão e de liberdade, território de disputas e de criação de novos modos de existir. Conclui-se pela urgência de práticas educativas comprometidas com a pluralidade de masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Escola. Corpo. Desejo.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

³ Doutora em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

⁴ Mestre em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

ABSTRACT

This article discusses the production of dissident masculinities in the school context, problematizing bodies and desires that do not fit into the normative model of masculinity. The aim is to understand how young students experience tensions between body, desire, and gender norms, revealing strategies of resistance and self-invention. The methodology is based on the montage of an interview conducted within a doctoral research project, in dialogue with the lived and experienced trajectories of two of the authors. Inspired by Didi-Huberman, Benjamin, and Brecht, this montage treats narrative fragments as images of thought. The analysis shows that school operates as a space of discipline but also as one of fissures, where desires, bodily, and affective expressions emerge that challenge cisheteronormativity. Preliminary results indicate that the body is simultaneously a site of oppression and freedom, a territory of dispute and the creation of new ways of existing. The conclusion emphasizes the urgency of educational practices committed to plural masculinities.

KEYWORDS: Masculinities. School. Body. Desire.

RESUMEN

Este artículo discute la producción de masculinidades disidentes en el contexto escolar, problematizando cuerpos y deseos que no encajan en el modelo normativo de lo masculino. El objetivo es comprender cómo los jóvenes estudiantes experimentan tensiones entre cuerpo, deseo y normas de género, revelando estrategias de resistencia e invención de sí. La metodología se fundamenta en el montaje de una entrevista realizada en el marco de una investigación doctoral, en diálogos con lo vivido-vivenciado por dos de los autores, inspirada en Didi-Huberman, Benjamin y Brecht, en la cual fragmentos narrativos operan como imágenes de pensamiento. El análisis muestra que la escuela funciona como espacio de disciplinamiento, pero también de fisuras donde emergen deseos, expresiones corporales y afectivas que desafían la cisheteronormatividad. Los resultados preliminares indican que el cuerpo es simultáneamente campo de opresión y de libertad, territorio de disputas y de creación de nuevos modos de existir. Se concluye sobre la urgencia de prácticas educativas comprometidas con la pluralidad de masculinidades.

PALABRAS CLAVE: Masculinidades. Escuela. Cuerpo. Deseo.

* * *

A Mãe passa a ferro como o sol a esticar e a projetar as sombras de manhã ou à tardinha...

O menino pergunta: - E a minha sombra, já está?

A Mãe responde: - Já. Toma.

Menino: - Não consigo vestir isto!

Mãe: - Não é assim. Anda cá.

James Matthew Barrie

Talvez a angústia da ausência de suas sombras não seja maior do que as dificuldades em vesti-las...

Maria Olyntia de Oliveira e Silva

Introdução

Nesta escrita, propomos iniciar pela discussão da disforia de meninos estudantes na relação entre seus corpos e desejos, tensionando os limites do que se institui como “masculino” no ambiente escolar. Tal disforia evidencia que nem todos se reconhecem ou se sentem confortáveis com os códigos morais e sociais que definem o “ser masculino”. Como consequência, desejos que rompem com essas normas, tendem a ser invisibilizados ou reprimidos. Ao tensionar tais limites, é possível problematizar as fronteiras normativas da masculinidade e, assim, abrir possibilidades para pensar outras formas de viver e experimentar o corpo, o afeto e a convivência social.

Damos início a essas discussões com a montagem de uma entrevista realizada para a tese de doutorado de um dos autores, que nos oferece algumas pistas para compreender como jovens estudantes experimentam a tensão entre corpo, desejo e as normatividades de gênero que atravessam os espaços escolares e sociais. Quando falamos em montagem, seguimos o sentido proposto por Didi-Huberman (2010) que - inspirado no método de Bertolt Brecht -, entende que a montagem não é apenas uma justaposição de imagens, mas uma estratégia para produzir deslocamentos que instaurarem fissuras, provocam estranhamentos e forçam o pensar.

Como lembra Didi-Huberman, a montagem não se reduz somente a um recurso estético, mas constitui-se como recomposição de forças: um gesto político em que imagens e tempos são organizados de modo a evidenciar contradições históricas e dispositivos sociais. Em Brecht, (2005, p. 75), essa operação é sempre tomada de posição, pois a justaposição fragmentária funciona como choque crítico - um “flash fotográfico” capaz de expor polaridades, legendas e documentos que forçam o espectador a repensar o que vê.

De modo semelhante, Walter Benjamin (1985) recusa a linearidade narrativa e aposta na montagem como um procedimento analítico, onde fragmentos se encontram e se transformam em imagens dialéticas que iluminam o real para que possamos compreender as circunstâncias sociais e históricas que o produzem como tal.

Nesse ponto, consideramos importante recuperar que, para Benjamin (1995), a imagem de pensamento não é uma reprodução fiel da realidade, mas a irrupção de um instante de choque que produz uma constelação de sentidos. Afinal, para esse pensador: “A construção da vida, no momento, está muito mais no poder de fatos que de convicções” (Benjamin, 1995, p.11).

Para Benjamin (1995), a imagem não é um mero reflexo, uma representação de algo, mas uma condensação de tensões que suscitam o pensamento. Quando colocadas em montagem, essas imagens – e aqui entendemos também as palavras como produtoras de imagens – funcionam como relâmpagos que interrompem a linearidade narrativa e abrem frestas para o pensar.

Nesse sentido, a entrevista que será apresentada não deve ser lida apenas como um conjunto de falas encadeadas, mas como uma constelação imagética de palavras, na qual fragmentos se encontram, se tensionam e produzem lampejos de sentido. Essa perspectiva dialoga diretamente com Didi-Huberman (2010), para quem a montagem, inspirada em Brecht (2005), não é justaposição, mas uma estratégia política e estética que recompõe forças, cria visibilidades e instaura fissuras no que parecia contínuo.

Aqui, a narrativa apresentada se aproxima de um “atlas de palavras-imagens”, em que cada enunciação, ao ser montada, passa a operar como acontecimento discursivo e gesto analítico isto porque: “Se o atlas aparece como um trabalho incessante de recomposição do mundo, é em primeiro lugar porque o mundo sofre constantemente decomposições, uma detrás da outra” (Didi-Huberman, 2011, s/n).

Nesse sentido, consideramos importante destacar que a montagem das palavras/imagens apresentada a seguir⁵, não é ingênua, nem fiel à linearidade de como se deu a entrevista. Trata-se de uma escolha intencional, cujos cortes e continuidades na narrativa, foram organizados de modo a fazê-los operar como imagens de pensamento, abrindo espaço para que tensões e contradições emergentes no que está dito, possam ser visibilizadas em sua superfície e fluxo, de modo que não se diluam em uma enunciação peremptória que não produz efeitos. Assim como (Foucault, 1970, p. 5), em vez de tomar as palavras como sentidos próprios: “gostaria de estar à sua mercê e de ser levado muito para lá de todo o começo possível. Preferiria dar-me conta de que (...) bastar-me-ia assim deixá-las ir; prosseguir a frase, alojar-me, sem que ninguém se apercebesse, nos seus

⁵ Entrevista citada em CANELLA, Dagmar de Mello e Silva. *Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do contemporâneo*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

interstícios, como se ela me tivesse acenado, ao manter-se, um instante, em suspenso” (idem, p.5).

- Vamos começar?

- *É queeee... A Alice me disse que nós podíamos escolher um pseudônimo...*

- Ah! Sim! Claro que pode! Como você quer que eu te chame?

- *Mister Bobogan.*

- Hã?

- *Mister Bo-bo-gan - Bobogan? - Bo-bo-gan...*

- Ah!... Bubble ... Goma de mascar (risos) então vá lá! Vai ser Mister Bubble Gun. (risos). Mister Bubble Gum você lembra o que eu te pedi?

- *Pra eu tirar fotos da minha visão do mundo.*

- Vai selecionando as fotos e vai me falando um pouquinho delas.

- *Essa é uma sapatilha de ponta, por que... Ela representa o irreal, assim... A dança. Eu faço balé contemporâneo, mas eu gosto de ponta, de clássicos. Então, ao todo, seria a dança, elas estão representando a dança.*

- Fala um pouquinho dessa tua relação com a dança.

- *Ah! Quando eu estou na dança, parece que eu esqueço do mundo, pra mim a dança é tudo, eu não consigo mais viver sem ela. Sabe, dança pra mim é tudo. É muito bom, eu me desligo quando eu estou nela, eu me entrego de corpo e alma! É a melhor coisa que tem.*

- Pelo que você está me falando, a dança parece ser a melhor parte da sua vida?

- *Por enquanto, porque eu pretendo não projetar a dança como carreira. Eu pretendo cursar uma faculdade e tal... mas quero ter um tempo para a dança, não quero largar a dança por nada desse mundo. Eu entrei esse ano, mas parece que já é desde pequeno que eu queria ser bailarino. Eu nunca tive desejo, assim... de dançar contemporâneo, porque eu não sabia como é que era. Eu sempre gostei de dançar, mas, quando eu entrei na dança contemporânea, foi que eu senti o que era colocar a alma em alguma coisa. Eu me encontrei dança?*

- Então, por que você diz que vai fazer economia ou matemática?

- *Porque eu me identifico com matemática e números.*

- O que você acha mais importante: o desejo ou o que você se identifica?

- *O que eu me identifico... (responde hesitante)*

Breve silêncio...

- Você comentou que viu o filme *Crash*. O que o filme te faz pensar?

- *Numa sociedade muito desigual, muito preconceituosa*

- Você já se sentiu vítima de preconceito na sua vida?

- Já sim! Economicamente não, mas essa forma de... Sei lá, minha aparência, meu jeito de ser, assim... Extrovertido e tal, de falar com todo o mundo, não sei se eu acabo aparentando uma coisa que... Então as pessoas me olham...

- O que, por exemplo?

- De ser homossexual, aí as pessoas ficam criticando.

- Você acha que as pessoas te olham e acham que você é gay?

- É! Pelo meu jeito...

- E essa foto?

- Isso aqui é porque eu amo. Amo Swing Rave, amo... Malabares, aí o nome é Swing, eu aaadorooo Rave! Adoro ir pra Rave e ficar rodando, rodando...

- Qual é a sensação que você tem ao fazer malabares?

- Ah, sei lá, é que gosto de dizer que amo a luz, eu amo a luz, eu gosto de estar aparecendo, eu gosto de estar iluminado, entende? Aparecer de uma forma expressiva, assim me expressando, eu adoro. Adoro me expressar...

- A questão do corpo para você é muito importante?

- Muito, muito, eu me liberto... Acho muito bom... É, de me expressar mais forte, com uma emoção maior. Aiiiii!!!!!! Eu gosto de me expressar, eu sou muito louco, eu tenho várias visões.

- Por que você acha que isto é ser louco?

- Sei lá!? Porque eu gosto de tudo um pouco, eu gosto de observar animais, eu gosto de curtir barco, eu gosto de matemática, eu gosto de muitas coisas.

- Ser sensível é ser louco?

- Às vezes.

- Você precisa ser racional o tempo todo?

- É... Sempre, né? Praticamente... Ah! Eu sou sentimental... Um pouco racional... Ó... Eu vou ser sincero. Itaipu, lá onde eu moro, é pequeno, todo o mundo que fica lá, sempre vira pescador, sabe? A maioria dos filhos de lá, do pessoal, é tudo pescador e eu vi que não leva futuro nenhum ficar... Sei lá. Então... Parece que o mundo deles se resume naquilo lá.

- Mas como essas pessoas veem você?

- Não sei, eles me veem como um... Não são todos, alguns, você sabe que vizinhos falam... E lá, como é pequeno, um tenta se meter com a vida do outro. Aí, todo o mundo, em vez de cuidar da sua vida, fica ali falando dos outros e esquece de crescer, não tem tempo de crescer, não tem tempo para ter uma mente aberta.

- Você fala de uma vida sensível, de uma vida que é capaz de olhar os urubus abrindo as asas para secar ao sol, de sapatilhas de dança, das luzes, do movimento dos seus malabares, me fala de estilo, enfim você me fala de uma outra dimensão da vida, que não se reduz a ter um emprego e ganhar dinheiro...

- Eu acho que todo o mundo devia fazer o que pode realmente, porque não adianta fazer uma coisa que você não se sinta bem.

- Chamou minha atenção essa coisa do seu desejo de fazer coisas que são mais libertárias, que te possibilitam dançar e ao mesmo tempo, mas ainda assim, vejo você preso a um contexto social que te obriga a “ser certinho”. Me fale sobre isso.

- Não, não é que me obrigue, mas é porque eu quero isso, sabe? Eu tenho o meu lado reservado, sabe? Eu quero crescer, quero me formar, quero um emprego, quero ter o meu mundo, ter independência e estar fazendo o que eu gosto também, não posso deixar de fazer o que eu gosto também... É porque eu não gosto de estar falando, porque na minha idade, acho isso ridículo, entende? Tenho dezesseis anos, se eu falar o que sinto, as pessoas vão ficar falando: você não tem idade para isso. Você já sente o preconceito da sua turma.

O excerto da entrevista revela um jovem que se movimenta entre diferentes planos de existência. Sua relação com a dança, com a expressão corporal e com o próprio desejo o coloca como um campo de experimentação que desafia os códigos normativos da masculinidade historicamente instituída. Ao falar sobre sapatilhas de ponta, sobre a entrega à dança contemporânea e sobre a sensação de “colocar a alma em alguma coisa”, esse estudante inscreve-se em um devir-sensível que escapa ao padrão esperado do menino racional, duro, heterossexual.

Ao mesmo tempo, sua fala aponta para as pressões de um contexto social que insiste em circunscrevê-lo à necessidade de “ser certinho”, escolher carreiras legitimadas, ocultar sentimentos e desejos por medo do preconceito. O corpo, nesse processo, aparece como território de disputas entre manter-se sob as imposições das regras sociais e a possibilidade da invenção de si, espaço/tempo de libertação, de entregar-se ao prazer estético e expressivo, o que implicaria enfrentar os olhares normativos que poderiam julgá-lo, que provavelmente o associariam à homossexualidade, o que o exporia a uma crítica que talvez não estivesse disposto a enfrentar.

A entrevista evidencia, assim, os atravessamentos da escola e da comunidade em torno da produção das masculinidades: entre a racionalidade exigida e o devir-sensível da dança; entre a normatividade da heterossexualidade e o surgimento de desejos que não cabem nessa moldura; entre o “ser certinho” esperado, e os lampejos de resistência que afirmam o direito de experimentar outras formas de existir. É nesse entrecruzamento que se desdobram linhas de fuga que nos permitem repensar as masculinidades para além do seu aprisionamento identitário, reconhecendo a potência de corpos que desejam, que dançam, que se expressam e que buscam modos singulares de habitar o mundo.

Masculinidades dissidentes e Escola

É nesse contexto de tensões e descobertas - enquanto ainda se habita os espaços da escola - que a análise das masculinidades dissidentes se torna particularmente relevante, pois nos permite compreender como os jovens experimentam e negociam expectativas sociais e identitárias, abrindo espaço para refletir sobre modos singulares de existir. Essa análise se entrelaça com as experiências de vida de um dos autores do artigo, mostrando que compreender essas dinâmicas não é apenas um exercício teórico, mas também um compromisso estético, ético e político.

Estético porque - como bem coloca Rancière (2011) - a estética não se reduz ao sentido restrito do “belo”, ela diz respeito também, aquilo que organiza os modos de percepção, de visibilidade e de enunciação possíveis em um determinado tempo e espaço. É estética aqui, é compreendida como regime de sensibilidade - aquilo que determina quem pode e de que maneira lhe é permitido aparecer, ser ouvido, ser visto, ser reconhecido. Assim, quando se fala em masculinidades dissidentes no espaço escolar, o compromisso estético está em interrogar e deslocar a partilha do sensível vigente, que geralmente naturaliza e normatiza certas formas de ser homem (viril, heterossexual, dominante) enquanto invisibiliza, silencia ou ridiculariza outras expressões.

Ao realizar essa tarefa, tendo como parceria a experiência legítima de dois dos autores, o artigo pode estar criando novas condições de visibilidade a essas questões. Esse gesto tem potência estética porque reconfigura o campo da experiência sensível e nos permite perceber, sentir e pensar outras masculinidades que não cabem no regime dominante a partir do lugar de fala de quem tem propriedade para dizer. Ao refletirmos sobre os atravessamentos entre corpo, desejo e normatividade, uma das mãos que escreve este artigo está orientada por sua trajetória pessoal marcada por situações de vulnerabilidade e violência estrutural o que confere uma autenticidade fenomenológica e um caráter hermenêutico experiencial para essa escrita.

Outro dos autores, ao revisitar sua trajetória, reconhece que o medo sempre foi uma presença constante: medo de ser quem era, medo do olhar dos colegas e professores, medo até de expor o corpo. Recorda a vergonha das pernas, a insegurança de usar bermuda nas aulas de educação física, o receio de revelar que não gostava de futebol, mas desejava jogar queimado. O simples ato de enunciar esse desejo o colocaria em risco, pois a cisheteronormatividade que estrutura a escola não admite que um menino escape ao que se espera do “masculino”. Crescer em uma família cristã apenas reforçou esse desconforto, pois a religião já lhe atribuía um lugar fixo de inadequação.

Esse diálogo entre medo e desconforto é fundamental para compreender o silenciamento das vozes infantis. Como lembra Guacira Lopes Louro (1997), a escola funciona como espaço de produção e normalização das identidades de gênero, impondo performances e apagando singularidades. Assim, a infância, já reduzida a uma posição de “ainda não ser alguém”, torna-se ainda mais vulnerável quando não se encaixa nos roteiros normativos. Nesse contexto, resta performar um personagem: inventamos muitas faces, mas nenhuma delas corresponde plenamente a quem somos.

Em ressonância com a entrevista trazida neste texto, vemos o jovem que sonha ser bailarino e sente a entrega da dança como expressão vital. Contudo, esse mesmo jovem declara que será também professor de matemática ou economista, como se apenas dançar não fosse permitido ao seu ser masculino. A experiência de um dos autores ecoa essa contradição: é preciso acumular máscaras e ofícios legitimados para justificar os desejos que escapam, sempre sob o peso de provar-se “homem o suficiente”. Nesse entrecruzamento entre medo, vergonha e performatividade, delineiam-se as masculinidades dissidentes, atravessadas por tensões que vão da família cristã ao espaço escolar, e que revelam os custos subjetivos de existir fora da norma.

Assim, a motivação em escrever sobre masculinidades dissidentes, está atravessada pelas experiências pessoais de um dos autores, incluindo vivências relacionadas à disforia de gênero - um período em que viveu em situação de rua - e a experiência contínua dos efeitos da violência estrutural e simbólica que perpassa a sua e de muitas outras existências de pessoas homossexuais, travestis e transsexuais no Brasil. Essas marcas constituem não apenas os percursos singulares do pesquisador, mas revelam experiências muito próximas de outras existências cujas orientações de gênero e sexualidades divergem de um binarismo instituído por poderes jurídicos e médicos que “intervém materialmente” na vida, mas principalmente na alma, “atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos - o seu corpo - e que se situa no nível do corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder e subpoder” (Foucault, 2015, p.14).

Mas não só isso, nosso compromisso se vincula também, com um exercício intelectual que assumimos como pesquisadores implicados que, justamente por essa característica, nos faz compreender a produção de conhecimento como um gesto situado e comprometido com a escuta e a visibilidade de trajetórias historicamente silenciadas. Ao longo de nossos percursos formativos, conhecemos muitos sujeitos que desistiram dos estudos por se sentirem inadequados ao espaço escolar, conhecemos outros que

retomaram os estudos após evadirem da escola, assim como pessoas que também retornavam à escola após um período compulsório em espaços socioeducativos ou de reclusão. Porém, a discussão sobre gênero e as temáticas que emanam dessa questão, muitas vezes (diríamos até que raramente), não são trabalhadas em sala de aula pelos professores, talvez por falta de formação, conhecimento ou até mesmo por não julgarem a discussão necessária. Apesar de não termos bases científicas para justificarmos essa evidência empírica, nos apoiamos em Louro (1997) quando esta nos aponta que este fenômeno pode ser explicado como efeito de uma divisão identificada por um reconhecimento de que a discussão da sexualidade na escola se apoia em saberes que atestam uma determinada “natureza” do homem e da mulher, constituído por uma base universal, e, portanto, de difícil questionamento.

A simpatia, aqui pensada, dialoga com Donna Haraway (2023) e não pode ser reduzida a uma emoção superficial, nem a uma mera empatia individual. Em sua obra, Haraway (2023) nos provoca a pensar as relações humanas, não-humanas e mais-que-humanas como redes de co-constituição, isto é, de vínculos que não se dão por uma fusão harmoniosa, mas por encontros situados, marcados por tensões, responsabilidades e compromissos mútuos.

Portanto, somos simpáticos não apenas ao menino da entrevista, sujeito à cisheteronormatividade que se impõe sobre seu corpo, mas também ao autor que, como homem gay, traz em sua trajetória as marcas da violência e da exclusão. Reconhecemos, contudo, que suas vivências se articulam a diferentes demandas e privilégios, e que seu lugar de fala como educador é o de quem experiencia o vivido-vivenciado - o vivido, enquanto acontecimento, e o vivenciado, enquanto elaboração subjetiva da experiência - . É desse lugar que afirmamos a necessidade de uma educação comprometida em pluralizar conhecimentos, desconstruir conceitos e (re)configurar práticas a partir das experiências dos alunos.

Temos consciência de que a escola não está isenta de práticas excludentes e de disputas nas relações de poder, mas acreditamos que ela pode ser tensionada a se tornar um espaço de aprendizagem e de convivência ética com as diferenças, contribuindo para o enfrentamento das opressões sobre corpos que são dissidentes à norma social.

Disciplina e vigilância dos corpos

Apoiados em Butler (2021), reconhecemos que a discussão envolvendo gênero (ou corpo) é muito mais complexa do que as veredas binárias que tentam organizar a vida

a partir de categorias opositivas, as quais encontram ancoragem num uso hegemônico da linguagem. Para a filósofa, as discussões quanto aos termos referidos passam por um filtro discursivo, ou seja, pela esfera do que pode ser enunciado em um contexto cultural, suscitando diferentes interpretações ao longo do tempo. No caso da homossexualidade, observamos que, até bem recentemente, ela esteve associada, de forma íntima, à categoria de transtornos/distúrbios mentais, o que reforçou a consolidação de discursos que defendiam uma dicotomia, pautada na biologia, como padrão único natural e aceitável.

Segundo Russo (2006, p. 473):

A partir da literatura já existente sobre o tema percebe-se que tal movimento conhece atualmente importante oposição de grupos politicamente articulados de sujeitos que se auto nomeiam “transexuais”, mas negam ser portadores de um “transtorno psiquiátrico”. Vemos aí (...) a questão colocada (...), da luta pela “despatologização” a partir da afirmação dos direitos das chamadas “minorias sexuais”

Lembramos que neste caso trata-se não apenas de colocar em xeque o “modelo heterossexual hegemônico”, mas a própria definição de gênero, já que estamos lidando com a possibilidade de se expressar por um gênero ou orientação sexual diferente daquele definido no momento do nascimento.

Em consonância com as reflexões de Russo (2006), há disparidades no tratamento dado a diferentes formas de exercício da sexualidade e do gênero que não se enquadram nos padrões normativos cisgênero e heterossexual. Essas disparidades são frequentemente atribuídas a normas sociais e culturais dominantes, que reforçam a ideia de que apenas a cisgeneridade e a heterossexualidade são consideradas “normais” e aceitas.

Essa perspectiva cisheteronormativa cria um “gap” ou uma lacuna que resulta na marginalização, desvalorização e invisibilidade de outras formas de sexualidade e expressão de gênero na sociedade. Esse tratamento diferenciado se manifesta de diversas maneiras — como processos de identificação, estigmatização, violência, ausência de representatividade e acesso restrito a direitos e recursos — e se dissemina em instituições como a escola, o cárcere, o manicômio, entre outras. São práticas que, muitas vezes sutis, discursivas ou subjetivas, imputam “penas” simbólicas e sociais que determinam destinos e limitam possibilidades de vida, configurando verdadeiras formas de poder: modos de normatizar condutas, regular corpos e produzir sujeitos conformes ao padrão, reforçando mecanismos de exclusão e disciplinamento social.

O que observamos nesses contextos de poder é que a disciplina, na concepção foucaultiana, resulta de transformações históricas que deslocaram o exercício do poder de uma estrutura puramente hierárquica para um investimento difuso no corpo social. Esse poder assume a forma de micropoderes, que se ramificam em diferentes instituições e práticas cotidianas, exercendo-se sobre os corpos individuais por meio de técnicas de dominação. Assim, ao mesmo tempo em que ampliam as forças produtivas dos sujeitos, também os adestram e os tornam dóceis. No campo da sexualidade e do gênero, esse funcionamento disciplinar contribui para reforçar normas cisheteronormativas, produzindo corpos conformes ao padrão e marginalizando aqueles que escapam da matriz normativa dominante.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, a dança, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo [...] tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (Foucault, 1978, p. 146).

O vínculo entre o binômio corpo/alma e a díade saber/poder evidencia como Foucault desloca a concepção tradicional da alma. Em vez de entendê-la como entidade metafísica, divina ou parte de uma natureza a-histórica, a alma passa a ser compreendida como um efeito produzido diretamente pelo exercício do saber/poder sobre o corpo. Nesse contexto, o corpo torna-se a “superfície de inscrição para o poder, com a semiologia por instrumento; a submissão dos corpos pelo controle das idéias” (Foucault, 1975, p. 93), funcionando como local onde se manifesta a articulação entre controle, disciplina e produção de subjetividades.

Em diálogo com as contribuições de Foucault, um exemplo de sujeito que ilustra bem as sociedades contemporâneas disciplinares são as pessoas trans. Ser transexual no Brasil significa afirmar uma identidade que está constantemente sob ameaça, enfrentando formas diversas de vigilância e controle em diferentes espaços sociais. A existência dessas pessoas desafia os limites da compreensão hegemônica do corpo cisgênero, provocando, muitas vezes, reações de estranhamento, repulsa e tentativas de normatização por parte da sociedade. Nesse sentido, as experiências trans revelam como o saber/poder atua disciplinando corpos e comportamentos, impondo normas que regulam quem pode existir de determinadas maneiras e expondo as estratégias de controle que sustentam a ordem social dominante.

Esses corpos se (re)configuram por operações maquínicas, ajustando gradualmente suas posturas, vestimentas, falas e gestos por meio de processos de modelagem, treinamento e obediência. Tais transformações visam reproduzir marcas pré-estabelecidas de aceitação dentro da sociedade, evidenciando como normas de gênero são internalizadas e incorporadas. Em sua obra *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético* (1992), Félix Guattari propõe que a subjetividade é produzida no *socius* através de elementos heterogêneos, como as relações sociais, as máquinas tecnológicas, as máquinas incorporais, o âmbito estético, a economia, a política, entre outros. Ele destaca que a produção de subjetividade é a indústria de base deste período.

Um episódio vivido por uma das autoras do artigo ilustra bem essa dinâmica: enquanto comprava pão em uma padaria muito frequentada por mulheres trans e travestis, chamou sua atenção uma conversa em vídeo entre uma dessas mulheres e um homem. Durante a chamada, a mulher tentava justificar que já não havia mais nada que pudesse fazer para se tornar “mais feminina”. Indignada com a situação, a autora se intrometeu na conversa e aconselha à mulher para desligar a ligação, afirmando que ela era linda do jeito que era e que, se seu corpo não correspondia às expectativas daquele homem, o problema era dele, pois ele bem sabia o que desejava.

Esse episódio evidencia, à luz de Foucault e Guattari, como os corpos são simultaneamente disciplinados e maquínicamente moldados por normas e expectativas sociais, mas também inseridos em redes de fluxos e relações que permitem ajustes, ressignificações e formas de resistência, mostrando a complexidade das interações entre corpo, poder e subjetividade na vida cotidiana.

Em consonância com Foucault (1975), os processos disciplinares sempre existiram, sobretudo nos conventos, hospitais e, posteriormente, nas escolas. No entanto, a partir do século XVIII, as disciplinas se transformaram em formas de dominação que retiraram do indivíduo o domínio sobre o próprio corpo. O corpo deixou de ser apenas uma realidade biológica e natural e passou a ser político, isto é, tornou-se alvo de estratégias de poder que o moldam e controlam. Através de instrumentos disciplinares, o corpo foi configurado como útil e dócil: útil porque treinado para o trabalho, a produção e a guerra; dócil porque submetido à vigilância, ao adestramento e à obediência. Assim, o corpo se tornou suporte de relações de poder, sendo constantemente organizado e regulado para atender às exigências sociais, econômicas e morais da modernidade.

Consideramos fundamental que teóricos de gênero e sexualidade enfatizem a necessidade de desafiar e desconstruir a cisheteronormatividade, promovendo uma visão

mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual e de gênero. Isso implica na criação de espaços seguros, na implementação de políticas antidiscriminatórias, na oferta de educação inclusiva e na garantia de direitos igualitários para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou expressão de gênero.

Se o gênero, antes, estava atrelado ao binário biológico (homem/mulher) e é sinônimo do ser homem ou mulher, atualmente, devemos compreendê-lo como (re)construções sociais. Seguindo este raciocínio, a homossexualidade presumida ou a transexualidade, representa um desafio na medida em que é compreendida por um pensamento discriminatório de que as pessoas que se expressam ou se resignificam como ser e estar, atravessando uma imposição de gênero pré-atribuída, são sujeitas a serem presas em corpos equivocados e sujeitas a viverem sob os desígnos sociais que demarcam o preconceito e a violência. Ou seja, Sob o olhar discriminatório, a homossexualidade presumida ou a transexualidade aparecem como desafio, pois pessoas que rompem com a imposição de um gênero pré-atribuído, são frequentemente interpretadas como vivendo em corpos ‘equivocados’ e, assim, sujeitas às formas de preconceito e violências socialmente estabelecidas. A todo momento, aqueles que não se enquadram a uma *corpoheteronormatividade* seja ela sexual ou de gênero, são forçados a estarem em conformidade com as imposições sociais que negam a si próprios.

Lugar de fala e visibilidade – Considerações finais e reflexões para ficarmos com o problema

Refletir sobre essas narrativas, nos leva a convocar a experiência de um dos autores. Como professor, homem, gay, que viveu a disforia em relação às normas de gênero, ele reconhece no relato do jovem entrevistado, ecos daquilo que o atravessou em outros tempos. O corpo que não cabia no molde da masculinidade hegemônica foi também, para ele, território de tensão, mas igualmente de invenção. Djamila Ribeiro (2017), ao discutir o conceito de “lugar de fala”, nos lembra que não se trata de falar apenas de si, mas de como as vivências singulares se articulam com estruturas sociais mais amplas. Nesse sentido, assumir esse lugar de fala é afirmar que tais trajetórias não são desvios isolados, mas expressões de um sistema que insiste em vigiar, normatizar e silenciar corpos dissidentes. Ao mesmo tempo, é também reconhecer que esses corpos produzem conhecimento e potência, abrindo brechas para outros modos de existir e educar. Levar essa consciência para a docência é fazer da presença em sala de aula um gesto político; ao compartilhar sua história e escutar as histórias dos alunos, deste modo,

o educador produz um espaço onde a diversidade de experiências deixa de ser invisibilizada e passa a ser reconhecida como fundamento da própria prática educativa.

Ao estender essa reflexão, é impossível não pensar também nas formas como os vínculos entre homens são nomeados e vividos. No Brasil, o conceito de “homoafetividade” ganhou relevância sobretudo nos debates jurídicos, como estratégia de reconhecimento de direitos. Entretanto, chama a atenção o fato de não existir um equivalente - “heteroafetividade”. O que essa assimetria revela? Que nas relações heterossexuais a afetividade é tomada como natural, invisível, não necessitando de adjetivos. Já entre homens que amam e desejam outros homens, foi preciso acrescentar a palavra “afeto” para legitimar algo que, por si só, deveria ser entendido como humano. Em diálogo com a noção de lugar de fala de Djamila Ribeiro (2017), pensar a partir dessa experiência significa denunciar também essa marca de diferença: os corpos dissidentes precisam se explicar, se justificar, se enquadrar em categorias que nunca são impostas à norma. Questionar o termo “homoafetividade”, portanto, é também questionar a desigualdade de valor atribuída aos modos de amar e desejar. É reconhecer a urgência de pensar outras linguagens para nomear a multiplicidade de existências.

Agradecimentos

Este trabalho contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRECHT, Bertolt. *Pequeno organon para o teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Original publicado em 1990 como *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Apresentação do ATLAS ¿CÓMO LLEVAR EL MUNDO A CUESTAS?* 26 de novembro de 2010 - 28 de março de 2011, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid. Disponível em: <https://www.artecapital.net/perspetiva-119-atlas-como-levar-o-mundo-a-s-costas--apresentaa-a-o-por-georges-didi-huberman>. acesso em: 08.2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1970.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. (Original: *Surveiller et punir: Naissance de la prison*, 1975).

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna J. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga; preparação de Graziela Marcolin. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: cenas do regime estético da arte*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2011.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RUSO, Jane. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na psiquiatria contemporânea. In: CARRARA, Sergio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.